

"A OPOSIÇÃO EM PORTUGUÊS: ALGUMAS DIRETRIZES"*

*Mary Francisca do Careno, **Mestra em
Língua Portuguesa-PUC/SP, integrante da
equipe de regentes de Língua Portugue
sa da Rede Municipal*

Numa primeira fase, que aliás foi motivo de discussão na 33a. Reunião da SBPC, em Salva
dor - BA, levantou-se algumas hipóteses, fruto de reflexões a respeito da adversativa e da con
cessiva, ambas com valor de oposição. Através de ex
emplos extraídos de Gramáticas, pôde-se observar
que as mesmas não abordam, inclusive, a inter
secção possível de estruturas com outras, cu
jas conseqüências são a falta de clareza e dificul
dades no ensino de tais fatos lingüísticos.

Tendo como pressuposto teórico a tese sau
sureana de que "Língua é Forma e não Substância", chegou-se a alguns resultados parciais: 1) A opos
ição existe nas duas estruturas; 2) Essa opos
ição é semântica, ou porque uma das estruturas

que se opõe é implícita ou porque a superação do obstáculo implica na intenção do falante; 3) Existe uma estrutura de "concessiva pura"; 4) Mesmo considerando a inversão das estruturas, a intenção do falante permanece implícita, isto é, o obstáculo suposto ou real não é suficiente para impedir a realização do fato; 5) a inversão da concessiva pela adversativa se processa quando existe apenas a idéia de oposição, isto é, quando há uma circunstância favorável versus uma circunstância desfavorável ou vice-versa: 6) A estrutura concessiva e/ou adversativa pode vir interseccionada com outras estruturas.

Dando continuidade ao que já se discorreu, o objetivo agora é estabelecer uma proposta para o aluno dessa problemática, sobretudo adequada à escola de 1ª e 2ª Graus. Para atingir a esse objetivo extraiu-se e analisou-se exemplos de livros didáticos adotados*** nesse nível de ensino da rede escolar de São Paulo e Recife.

Os autores desse e de outros livros didáticos de Língua Portuguesa como Língua Materna, talvez por se basearem exclusivamente nas gramáticas, não tem levado em conta o princípio da variabilidade lingüística ao incluírem em suas obras atividades e/ ou exercícios que visam a levar ao aprendiz conhecimentos não só de regras rígidas mas também de regras de uso de por

tuguês. O funcionamento de uma língua e a eficácia de seu uso somente são compreendidos quando se observam as várias situações de emprego. Em "Era um homem feio e extremamente inteligente", por exemplo, faz-se necessário um contexto maior que permita a aceitabilidade do enunciado.

Para ilustrar o problema de abordagem pedagógica dos conectivos em livros de português, foi feito um levantamento da classificação em - pregada por esses autores e, em seguida, formulou-se algumas conclusões.

As descrições apresentadas pelos autores são bastante amplas. Delas poder-se-á depreender que o enunciado só pode ter o valor que o próprio autor aceita como único e verdadeiro, quando, na verdade nem sempre isto ocorre. Na obra de Reinaldo Mathias Ferreira, o autor diz: "As orações coordenadas sindéticas recebem nomes especiais, de acordo com o sentido existente entre elas e aquelas a que se ligam. Observe: 1) "Seu Pires levou a cachorrada, mas Seu Pedro levou o Biguá." As duas orações do período composto por coordenação, continua o autor, exprimem idéias contrárias, isto é, se opõem quanto ao sentido. Por isso, a oração que tem conjunção recebe o nome de coordenada sindética adversativa." 2) Mas, na verdade, nesta estrutura o

que existe, pelo sentido, é adição:" Seu Pires levou a cachorrada mas (e) Seu Pedro levou o Biguá:" 3) Mais adiante, em "Não vi Seu Pedro nem (Mas) encontrei o cachorro" - aditiva-(P.171) a conjunção pode até ser substituída, mas pressupõe um contexto: Seu Pedro estava com o cachorro.

Recomendável seria que os autores aprimorassem seu posicionamento frente aos problemas da Língua, esclarecendo-os nos exercícios dirigidos aos alunos. Se a estes fossem apresentados os do tipo "situação versus mensagem" os objetivos dos autores seriam mais facilmente atingidos, visto que o aluno experienciaria os vários valores dentro de enunciados diferentes. O que se encontra, de um modo geral, é uma colocação sob duas maneiras: ou identificação das orações pelo conectivo, ou introduzindo-se diretamente através de exercícios estruturais, nos quais uma é substituída por outra. Em Siqueira-Bertolim encontramos o seguinte exercício: "Os períodos abaixo são compostos por coordenação (mediante as conjunções adversativas). Transforme-os em períodos compostos por subordinação, através de conjunções concessivas (embora, ainda que, se bem que): "Tomou remédio, mas não sarou" "Embora tenha tomado remédio, não sarou". Este

e outros exemplos apresentam-se estigmatizados como concessivos ou adversativos. Esquecem-se de que na proposição de idéias ora é uma, ora é outra que pode prevalecer. Mas isso não fica claro a professores e a alunos. Caberia, então, notas explicativas.

De fato, alguns exemplos de concessiva podem ser convertidos em adversativa ou vice-versa, conforme pôde ser observado no exercício acima. Há casos, porém, que tal não acontece: Em "Sai-rei, quer chova, quer faça sol", a conversão não é viável, ao passo que em: "Terminarei isto hoje, ainda que precise ficar acordado até mais tarde", a conversão é perfeitamente aplicável.

A idéia de oposição está presente nas duas estruturas, mas a concessiva é uma oração diferente da adversativa. Enquanto na adversativa existe basicamente um significado de oposição, na concessiva esse significado é ultrapassado e há uma organização mais complexa. O que predomina e distingue uma da outra é a intenção do falante e alguns tipos de estruturas cujos elementos estão perfeitamente entrelaçados de modo que um pressupõe o outro - binômios - pela coesão sintática-semântica. Na concessiva, um fato não é suficiente para impedir um obstáculo. Pode, todavia, superar ou deixar clara a perspectiva de

superação deste obstáculo: "Embora Rafael tenha sido assaltado, não perdeu a calma". "Pedro poderá assistir à peça amanhã, ainda que a crítica tenha sido negativa hoje".

Em estruturas tais como: "A festa estava linda, mas acabou cedo", "Embora a festa estivesse linda, acabou cedo". sintaticamente a se gunda oração é concessiva, mas semanticamente é adversativa, pois não existe obstáculo. Há apenas uma oposição. Tem-se, então, uma adversativa objetiva.

Em decorrência da análise, propõe-se algumas diretrizes práticas para o reconhecimento de cada estrutura: 1. O método deve ser o de análise das estruturas. Considerar, portanto, o valor significativo da estrutura analisada. A conjunção não é suficiente para determinar-lhe o valor; 2) Refletir antes de aceitar qualquer de finição; 3) Fazer ver que a análise opõe-se à síntese e alia-se dialeticamente a ela para conduzir ao conhecimento; 4) Para atingir a essas finalidades, mostrar que não se trata de um enunciado X e, sim de um binômio X-Y; 5) Ter como material, pois, Textos e não frases isoladas, o que evitaria desencontro de opiniões. As conjunções não seriam abordadas já nas classes de palavras com um valor pré-determinado, e as ora

ções não ficariam na dependência desses valores. Evitar-se-ia ao aluno decorar, o que é um processo relativamente fácil; quebrar-se-ia a rigidez dessas normas prescritivas. Normas seguidas, em sua grande maioria, sem uma reflexão profunda, reflexão esta que levaria a uma maior preocupação com a Língua em funcionamento, com a Língua em uso, tratando do sistema sincrônico de relações e, por isso, dos valores sincrônicos, visto que".... o objeto da lingüística é a linguagem humana em sua totalidade, em sua realidade multiforme e infinitamente variável em suas múltiplas relações," (E. Coseriu. Teoría del lenguais y lingüística general. 3. ed., Madrid. Gredos, 1973, p.130).

A elaboração de material pedagógico, voltado ao uso apropriado da língua e situações específicas, visando a uma interação social depende e muito da sensibilidade dos que deles se utilizam. Urge que os autores de livros de português de 1º e 2º graus promovam um ensino descritivo e produtivo da língua, preocupando-se em apresentar primeiramente aos alunos descrições, exercícios e estratégias que expliquem o funcionamento da língua o qual o emprego que dela podem fazer os usuários. Percebendo as variações existentes nos usos do português, o aprendiz po

derá receber meios para ampliar o seu repertório receptivo/produtivo e empregá-lo de maneira apropriada. Assim, evitar-se-ia julgamentos preconceituosos a respeito da relevância de uma variante de uso sobre outra, destacando-se que o papel da escola não é o de suprimir as experiên-
cias que o aluno já tem, substituindo-as por outras e, sim, adequar o ensino ao educando e, após isso, apresentar-lhes formas mais adequa-
das às situações que possam surgir em seu coti-
diano. A pressuposição fundamental que deve
nortear todo o ensino é a de que o aluno já co-
nhece algo de sua língua antes de entrar na es-
cola.

Pôde-se constatar que a maioria das obras analisadas apresenta uma terminologia rígida ou provas consistentes na descrição e na exemplifi-
cação dos diferentes marcadores de oposição. Po-
deriam, esses autores, promover atividades e
na exemplificação dos diferentes marcadores de
oposição. Poderiam, esses autores, promover ati-
vidades e exercícios contextualizados a serem
desenvolvidos em classe, sob forma de problemas.
Ao tentar solucioná-los, o aluno participaria ,
mais efetivamente do processo reagindo e inter-
agindo como ser pensante-comunicante do proces-
so lingüístico.

* comunicação oral apresentada na 34a. Reunião da SBPC-Campinas/SP.

** Pesquisa elaborada com co-autoria com GILDA MARIA LINS DE ARAUJO, professora de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Pernambuco, mestra em Língua Portuguesa - PUC/SP

*** Livros consultados: CAMARGO, Gessy et alii. Comunicação em Língua Portuguesa: 8a. série 2) FARAGO, Carlos Emilio et MOURA, Francisco Marto de. Língua e Literatura: 2º grau: 3) FERREIRA, Reinaldo Mathias. Comunicação: atividade de linguagem: 7a. série; 4) Estudo Dirigido de Português: 7a série; 5) LÊ, Francisco et alii. Aprenda Português: comunicação e expressão: 7a. série; 6) SCARTON, G. et alii. Comunicação Oral e Escrita em Língua Portuguesa: 8a. série; 7) SILVA. A. Siqueira et alu Português Dinâmico Comunicação e Expressão.

**** Trabalho dedicado ao Doutor em Filosofia da Linguagem, Prof. Luiz Antonio Marcuschi, amigo e incentivador